

## “EU SOU PORQUE NÓS SOMOS”

Oswaldo José da SILVA\*  
Dagoberto José FONSECA\*\*

MIANO, Léonora. **A estação das sombras**. Tradução de Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Pallas, 2017. 239 p.

Nós, negros e negras afro-brasileiros da afrodiáspora, ao rememorarmos nossas origens, encontramos o imaginário coletivo do tráfico transatlântico negreiro como herança de nossa ancestralidade de tempos imemoriais, como referência e fundamento consolidado quanto às nossas origens. Ao ler a obra de Léonora Miano, *A estação das sombras*, percebemos que o registro do evento do tráfico transatlântico negreiro fica mais latente, solidificado e identificado por carregar a tradição da imaterialidade oral e revelar na materialidade da escrita, que possui o dom de permanecer imortal no tempo conhecido, visto que tem um início, contudo não tem um fim. É como se a história do tráfico transatlântico perpassasse a cada um de nós e revelasse parte de nossas origens.

Léonora Miano nasceu em 1973 em Douala, na costa de Camarões. Nesta cidade ela viveu a sua infância e a sua adolescência; escreveu suas primeiras poesias aos oito anos de idade, antes de partir para a França em 1991, onde reside desde então. Estudou literatura americana em *Valenciennes* e *Nanterre* e tem mais de uma dezena de obras publicadas. A autora já ganhou o Prêmio Goncourt com *Contornos do dia que vem vindo* (2006), publicado pela Pallas em 2009 e *A Estação das Sombras* (2013), publicada pela Pallas em 2017, vencedor dos prêmios *Femina* e *Grand Prix du Roman Métis*.

Ao adentrar a obra *A Estação das Sombras*, nossa imaginação flui a partir da *Aurora Fuliginosa*, na qual Léonora introduz o cenário de destruição, violência, amargura e holocausto provocado por conflito entre clãs na África camaronesa, trazida pela tradição oral e outros documentos. Neste caso específico, o clã Bwele contra o clã Mulongo possuíam a mesma matriz original na formação, porém

---

\* UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências e Letras – Araraquara – SP – Brasil . 14800-901 – kayona@uol.com.br

\*\* UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Antropologia, Política e Filosofia – Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – dagobertojose@gmail.com.

divididos a partir da expansão geográfica e política das monarquias que eram unificadas. O motivo do ataque não é evidenciado no primeiro episódio, entretanto vai se revelando como sendo a estratégia dos “homens de pés de galinha” (assim chamados pela roupa que cobriam os seus corpos e adereços colocados nas canelas e nas botas), ou seja, os europeus colonizadores que buscavam num primeiro momento o escambo com as comunidades afros do litoral subsaariano do continente africano; e, posteriormente, num segundo momento, com troca de especiarias e armas de fogo, quando passaram a exigir então que escravizassem homens e mulheres negros que servissem de mão de obra para as colônias europeias. Os Bwele entregaram os seus próprios serviços para, posteriormente, atacarem o clã Mulongo, escravizar homens e mulheres e entregá-los aos europeus.

A narrativa de Léonora dá a sensação de continuidade, e que esse tempo de colonialismo imperialista não se esgotou por estar presente nos testemunhos da oralidade. Ela própria utiliza deste recurso ao buscar explicações de sua mãe no esclarecimento quanto aos aspectos culturais da raiz de seu povo trazidos na memória dos ancestrais. Assim, descreve a massa fuliginosa que cobria as casas do povoado Mulongo após o incêndio e destruição das casas, inserindo nesse cenário o desaparecimento de doze homens da aldeia e o subsequente desespero de suas mães. É interessante observar todos os aspectos dos rituais e da tradição afro presentes no pós-tragédia. A partir da narrativa das mulheres Eyabe e Ebusi, tem-se a descrição da saga da mãe ao buscar o filho sequestrado entre os doze homens, levado como escravo pelos Bwele para ser comercializado com os europeus.

Destaca-se também o papel feminino como rompedor de fronteiras e desafios no sentido de esclarecer o fio da história desconhecido neste cenário específico, antes de fazer parte dessa obra. Nesse ponto, não há como não lembrar e transpor para o Brasil um paralelo, rememorando a saga de Luísa Mahin ao procurar seu filho Luis Gama, negro afro brasileiro escravizado, vendido a diversos senhores em diferentes cidades brasileiras, narrada por Ana Maria Gonçalves, na obra *Um Defeito de Cor* (Rio de Janeiro, Record, 2006). Voltando à obra de Léonora, há um mesmo ambiente de sombra e escuridão provocado pelo sequestro e desaparecimento, *a priori* sem explicação, e que necessita ser esclarecido na narrativa, cujo foco não é só contar um evento, mas trazer à tona todo um ciclo de desumanização provocada por ações políticas e econômicas de um povo sobre outros povos.

Na segunda parte da obra, com o título “Declarações da Sombra”, Léonora retoma a narrativa de como o chefe de Mukano também sai na tentativa de resgate dos seus companheiros Mulongos e, ao adentrar o território Bwele, encontra seu irmão Mutango, agora rendido, servidor e traidor junto aos Bwele, tendo ajudado no ataque à aldeia Mulongo. No jogo de conflitos e traições, o guerreiro Bwemba explica a Mukano que, quando os Bwele não precisarem mais de Mutango, este será emasculado ou terá sua língua cortada e será serviçal do Bwele ou será entregue como escravo aos homens de pés de galinha. Mukano recorda que o seu irmão

Mutano, traidor, havia praticado também incesto e pedofilia com a própria filha, e que o castigo do irmão não seria desproporcional.

Na terceira parte dessa mesma obra, “Vidas Aquáticas”, Léonora se dedica a expor as formas de resistência das comunidades afros mais fragilizadas, em termos de armas de guerra, para fugir aos inimigos de clãs armados pelos estrangeiros que caçavam negros e negras para escravizar. Neste cenário, há a descrição da narrativa de Eyabe que, na luta da busca pelos homens sequestrados e pelo filho também vítima do sequestro da aldeia Mulongo, depara-se com ambientes hostis da floresta, e caminhando em direção ao oceano encontra os povos das águas – assim denominados por construírem suas habitações sobre palafitas, aproveitando das marés, estabelecem um mecanismo natural de defesa contra os inimigos oportunos. Num acidente, Eyabe é salva por habitantes deste povoamento quando estava cansada e sem forças, quase afundara no lamaçal que protegia o lugar. Há, nesse momento, o encontro com Mutimbo, um dos homens sequestrados pelos Bwele que, ao oferecer resistência, foi ferido na coxa por uma flecha envenenada e deixado para morrer, mas ele também tinha sido salvo pelos habitantes aquáticos. Mutimbo descreve para Eyabe o cenário da noite de incêndio ocorrido na aldeia dos Mulongos e como os doze foram capturados, acorrentados e levados para serem comercializados como escravos. Esta parte do livro é carregada de narrativas, lembranças das personagens, o valor das Leis da comunidade, a tradição como estruturadora da vida cotidiana dos povos afros.

Na quarta parte da obra, “Terras de Captura”, representam-se as fagulhas espalhadas pelos estrangeiros escravocratas para dividir os clãs, provocar guerras e mobilizar inimigos, aproveitando-se da situação para capturar, escravizar e traficar o maior número possível de homens e mulheres afros para as colônias europeias. Neste cenário, Léonora descreve a crença religiosa, sobretudo na força de *Inyi*, representação feminina do criador que encarna o mistério da gestação e do conhecimento, na qual esclarece o sentido das sombras, que paira sobre as comunidades. A aliança do mal de clãs caçadores de homens e mulheres com os homens de pés de galinha (estrangeiros) será desvelada, e todas as formas de destruição das terras africanas virão à tona. Há que se ressaltar serem os homens de pés de galinha, como “galinhas”, seres agindo no afã da cobiça e da destruição, contrariando a própria condição humana.

Na quinta e última parte dessa obra denominada “Últimos Encontros”, Léonora descreve com maestria o processo de destruição física e material dos Mulongos; entretanto, fica evidente que o patrimônio imaterial e a memória herdada na tradição oral são resgatados. Eyabe e Ebusi caracterizam o recebimento das falas, da memória e das narrativas dos cativos que escaparam do navio negreiro, mais tarde denominado tumbeiro. O segundo ataque, perpetrado pelos Bwele contra os Mulongos, havia destruído fisicamente por definitivo a aldeia. Restara a essas mulheres o sepultamento dos corpos deixados expostos. Os cadáveres nutriram o

solo do país, “gerações se passaram, mas nós continuamos a ser o seu sangue”. Então, vamos nos conhecer. Eu Sou Porque Nós Somos.

A obra *A Estação das Sombras*, de Léonora Miano, é um texto contundente sobre a construção dos eventos da história dos negros na afrodíaspóra, permanece no tempo presente como o agora de um passado que ainda não passou, e de um tempo presente de liberdade que custa a chegar. Indispensável à leitura para saber como somos e porque nós somos. A autora, ao final da obra, apresenta um vocabulário que facilita a representação dos conceitos, e faz um agradecimento por documentos da UNESCO a que teve acesso e, por fim, na tradição, agradece à sua mãe por respostas às suas perguntas realizadas, que a partir de agora dão origem a outras perguntas, que nós continuaremos a fazer.

